


ATRIBUNA
FUNDADA EM 26 DE MARÇO DE 1894
M. Nascimento Jr. (1909-1959)
Giusfredo Santini (1959-1990)
Roberto Mário Santini (1990-2007)
MARCOS CLEMENTE SANTINI
 Diretor-Presidente

ROBERTO CLEMENTE SANTINI
 Diretor-Vice-Presidente

RENATA SANTINI CYPRIANO
 Diretora de Marketing

FLAVIA CLEMENTE SANTINI
 Diretora de Circulação

PAULO NAEF
 Diretor-Superintendente

ARMINDA AUGUSTO
 Editora-Chefe

MÁRCIO DELFIM LEITE SOARES
 Gerente Comercial e Marketing

MARCO ANTONIO DA COSTA
 Gerente Industrial

VLT Regional e Túnel Santos-Guarujá

Ao que tudo indica, 2015 será um ano decisivo para que duas das maiores obras de mobilidade urbana da região sejam concretizadas. O Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) já é uma realidade, com previsão de entrega completa do primeiro trecho, entre o Terminal Barreiros, em São Vicente, e o Terminal Porto, em Santos, para o segundo semestre do ano.

E o projeto deve prosseguir. O segundo trecho do VLT, chegando ao Valongo, no Centro de Santos, deve ter suas obras iniciadas em 2015, enquanto o projeto funcional do Bus Rapid Transit (BRT), a ser implantado em Praia Grande, encontra-se em sua fase final. O BRT, que consiste em corredor exclusivo para ônibus, tem previsão de inauguração em 2017 e será integrado ao VLT, na futura estação de transbordo de Samaritá, na área continental de São Vicente.

Não são mais planos ou declarações de intenções. Apesar de alguns atrasos e dificuldades, como a lentidão dos serviços de construção do VLT em Santos, apontada por este jornal em sucessivas reportagens, o projeto segue e a operação do sistema, no seu primeiro trecho, deve mesmo se concretizar neste ano. Os ganhos são evidentes, com avanço na integração regional, redução no tempo de viagens, diminuição dos congestionamentos nas cidades, e beneficiam a todos, das empresas aos trabalhadores.

E aproxima-se o dia 2 de fevereiro, data em que as propostas comerciais dos consórcios habilitados a partici-

par da construção do túnel Santos-Guarujá serão abertas. O site da estatal Desenvolvimento Rodoviário (Dersa), responsável pela contratação, anuncia o início dos trabalhos para março deste ano. Com valor global de R\$ 2,8 bilhões, a obra compreende a execução de um túnel submerso, com 762 metros de extensão, além dos acessos nos dois municípios. A ligação, prometida e aguardada há quase 70 anos, concretizará antiga aspiração regional e terá, no início, tráfego expressivo de 18 mil veículos por dia, que hoje dependem essencialmente da balsa para a travessia.

Há algumas preocupações quanto ao resultado da licitação. Três dos consórcios que estão na disputa são liderados por construtoras citadas na Operação Lava-Jato e que devem enfrentar dificuldades para obter crédito no mercado. Algumas das empresas tiveram notas rebaixadas por agência de classificação de risco, enquanto outras estão em observação negativa. Vale lembrar que uma das cláusulas para assinatura do contrato é o depósito em garantia do equivalente a 10% do valor proposto pelo consórcio vencedor.

Os problemas e dificuldades, técnicos, financeiros e operacionais, precisam ser superados de maneira a permitir que, até o final da década, exista na região um novo sistema de transporte e mobilidade, moderno, seguro, ágil e econômico. Todas as atenções e esforços devem ser dirigidos para esse objetivo.

Haiti após cinco anos

No dia 12 de janeiro de 2010, um terremoto de grandes proporções destruiu boa parte do Haiti. Não há estimativas seguras do número de mortos, que deve ter superado 200.000, e a catástrofe deixou 1,5 milhão de pessoas sem casa. Num país com 10 milhões de habitantes, a tragédia é evidente, agravada por terrível epidemia de cólera seguinte. O terremoto causou a destruição econômica do país: os danos e perdas causados foram equivalentes a 120% do Produto Interno Bruto (PIB) do Haiti.

Passados cinco anos, ainda há muito a fazer. Apesar da grande ajuda humanitária internacional (cerca de US\$ 9,5 bilhões nos três anos seguintes ao terremoto), os problemas são enormes. Embora os sinais mais visíveis da devastação tenham sido removidos, remanescendo apenas 85.000 pessoas em campos de refugiados, grande parte da população que se deslocou para Porto Príncipe, a capital do Haiti, hoje superpovoada, vive em favelas, sem condições sanitárias mínimas.

O desemprego é muito elevado (em 2014 as estimativas eram de 70% da população sem trabalho fixo, vivendo através de serviços eventuais), e a renda muito baixa. A péssima infraestrutura do país, aliada à corrupção e à instabilidade política, impedem investimentos privados.

O Brasil tem estado presente no Haiti, chefiando a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), criada em 2004 para res-

taurar a ordem no país diante do caos provocado pela renúncia do então presidente Jean-Bertrand Aristide. Seu papel foi reforçado e ampliado após o terremoto. Com o exército e a polícia nacionais desmantelados desde os anos 1990, a Minustah garante a segurança da população.

Questiona-se hoje a falta de um plano de saída, capaz de fazer com que as forças locais assumam, de fato, o controle do país. Mas não há perspectivas de curto prazo, e o Haiti depende da presença estrangeira. E esta não tem contribuído de modo efetivo para o fortalecimento das instituições e do Estado nacional.

A maior parte da ajuda internacional não chega ao governo ou mesmo a organizações da sociedade civil haitiana. A maior parte fica nas mãos dos organismos internacionais, e foi gasta até aqui com ajuda humanitária, postos de trabalho de curto prazo, abrigos e remoção de escombros. Em 2013, o Centro de Pesquisa Política e Econômica, com sede em Washington, calculou que apenas 0,7% dos mais de US\$ 2 bilhões destinados pela Agência Americana de Desenvolvimento Internacional (USAID) foi para instituições haitianas.

Há razões para desconfiança, e a corrupção é a principal. Mas, sem fortalecer o Estado haitiano, dando-lhe condições para gerir o país, na segurança e na realização de obras e serviços, a tragédia só se amplia. Será uma longa e difícil trajetória, mas que deve ser trilhada para que haja algum futuro para o Haiti.

Do leitor

As cartas enviadas à *Tribuna do Leitor* devem conter nome, endereço, telefone e RG. O tamanho dos textos não pode ultrapassar 900 toques, incluindo os espaços. As cartas que não obedecerem esta orientação serão desconsideradas, bem como e-mails anexados.

E-MAIL
 leitor@atribuna.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR
 Telefone: 0800-727 7710

REDAÇÃO
 Rua João Pessoa 129, 3º andar, Centro Santos, São Paulo. CEP 11013-900

Dengue em Santos

Tive conhecimento de liberação de verba por parte do governo do Estado, no valor de R\$ 1 milhão, para ser aplicada no combate à dengue na região da Baixada Santista. No entanto, nada escutei sobre onde tal verba foi ou será aplicada. Só espero que não seja ela para admitir mais fiscais.

ANGELINA C. DOS SANTOS - SANTOS

Auxílio moradia

Pelas fotos das casas dos ministros que recebem auxílio moradia do TJ e TST, não dá para crer que com apenas o salário dá para comprar imóveis daquele padrão. Onde está a Receita Federal que infere a vida do trabalhador assalariado comum que não vê essas discrepâncias entre salário e bens de ministros sejam de que autarquia for? Que sejam tratados como todos os brasileiros comuns!

BEATRIZ CAMPOS - SANTOS

>>>Quando você se depara com a manchete: "Judiciário e Ministério Público pagam moradia até de quem tem casa própria", não resta outra avaliação de que o Brasil institucional, age como se fosse terra de ninguém, sem patrão, sem justiça, e de cada um por si. É bom frisar que é uma afronta saber que magistrados e servidores do Ministério Público que já tem salários dos mais altos deste País, ainda legislam em causa própria para que se pague uma "bolsa moradia"! E esta já aprovada no valor de R\$ 4,3 mil, enquanto milhões de trabalhadores brasileiros rece-

bem soldos mensais miseráveis de R\$ 788,00. E não satisfeitos com esse abuso de autoridade, também estendem esse benefício àqueles do Judiciário e MP, que já moram em imóveis próprios na cidade em que trabalham, como por exemplo, Brasília. É assim que funciona nosso Brasil, em que os recursos dos contribuintes, de preferência, serão utilizados para orgia dos servidores públicos do alto escalão.

PAULO PANOSSIAN - SÃO PAULO

Falta termômetro



Meu pai, 81 anos, domingo à noite, 25 de janeiro, foi levado de ambulância ao Pronto-Socorro Central de Santos porque estava com falta de ar. A médica, quando o encaminhou para o eletrocardiograma, pediu também que tirassem sua temperatura, pois ele estava quente. Algo aparentemente tão simples não pôde ser feito. Simples, a atendente explicou que lá não havia termômetro. Ainda bem que ele já está em casa e bem. Que preocupação com seus pacientes...

LEDA VALÉRIA SUPPA BASILE - SANTOS

Execução

É inadmissível a atitude do governo brasileiro ao chamar de volta seu diplomata na Indonésia após a execução de um brasileiro, em clara retaliação pela não aceitação do pedido de clemência feita pela presidente Dilma. Sem falar, é claro, na inquestionável falta de respeito à lei vigente naquele país.

JOSÉ MARQUES - SANTOS

>>>Marco Acher levou vida consumista e vazia. Orgulhava-se de nunca ter trabalhado. Pagou o preço ao desafiar um país que tem história de devastação social provocada por drogas. A presidente da nação representa os nacionais, independentemente do crime que tenham cometido o fez pedindo clemência pelo direito à vida, direito que inclui tomar as medidas para que nacionais não sejam mortos, inclusive pela fome, assim como uma política de segurança pública eficiente.

RIVALDO NOVAES - SANTOS

>>>Lavou a alma de muita gente, Brasil a fora, a execução sumária do traficante brasileiro, lá na Indonésia. Gostaria imensamente que as autoridades brasileiras, alienadas pelo câncer da rouba-lheira e da propinagem, descessem do pedestal da incompetência e da politicagem, e tivessem uma crise aguda de bom senso: traficante: fuzilamento; roubou do país: fuzilamento; e por aí sempre, com pulso firme e duro, avançando e corrigindo.

RENZO SANSONI - SANTOS

Tribuna Livre

REGINA ALONSO. Integrante das academias Vicentina Frei Gaspar da Madre de Deus e Santista de Letras Casa de Martins Fontes

A última palavra

É janeiro de 2015. Não quero ter a última palavra, nem concluir nada sobre o ano que passou. As taças vazias lavadas de brindes e conversas, secam no corredor. Tudo parece casual no ritmo cotidiano que me leva ao descanso na sala... O sujeito amoroso que sou atraído-me sempre e choro diante do presente da prima, uma réplica do casarão dos antepassados, feita por artesã paulistana. A obra é tão forte e humana, que me faço xamã para transitar no tempo entre esta e a outra morada.

As lágrimas somam-se às águas da Rampa do Mercado e impulsio-nam a lancha para o atracadouro. No convés da proa, entre cachos de banana, o pai (e seu chapéu desbeicado) traz os frutos e a alegria do retorno à família. A acolhida é quase procissão à frente da casa, pois a artista não apenas modelou figuras - fez renascer meus avós maternos e seus filhos, em trajes da época. Revejo o tio, que ainda jovem nos deixou, mudando o curso da história... não se casou, nem pode me batizar (seu irmão foi meu padrinho). Ai, inútil pensar que podemos cumprir tudo o que planejamos.

Sou apresentada à tia Mercedes, que morreu tão menina e agora revive de mãos dadas com o mano mais novo... Minha mãe é a primeira ao lado dos pais, filha mais velha que se casou com o motorista da Marinha Mercante, aquele homem-anfíbio que aparece na lancha, logo no primeiro plano da obra.



A porta larga do casarão, diante do meu olhar invasor, abre-se num passe de mágica (porque sonhar é preciso) e traz o alvoroço do bar-café e restaurante. O avô de colete e gravata borboleta atende ao balcão; sua imagem junto à dos fregueses, reflete-se nos vidros de cristal dos armários. As mulheres não se veem, pois conforme o costume da época, (primeiras décadas do Século XX) ocupavam apenas a área reservada na parte de trás. Ali, a avó imigrante supervisiona as duas filhas na costura e modelagem de roupas... a conversa em castelhano é apenas um sopro. Parece-me assistir a uma peça teatral da qual ao mesmo tempo, faço parte ou farei mais tarde (muito mais tarde?)...

De volta ao lado de fora do casarão, abro a outra porta, a mais estreita. Subo os lances da escada

saltando os degraus de dois em dois! Faço-me criança... A imagem de um lençol d'água sobre a areia estende-se na parte alta do sobrado. Lépidas, tal qual uma corça sedenta e exausta a caminhar pelo deserto, corro desesperada ao encontro da única substância que pode matar-me a sede: minha origem, a história dos antepassados. A bisavó doente ainda resmunga e atira o tamanco pela janela do quarto até acertar a cabeça de Celeste, minha tia-avó (a "encantadora" de histórias que vocês já conhecem). Acompanho o trajeto do "petardo", debruço-me ao parapeito e ao olhar para o alto, a revelação. Na parede, logo abaixo da beira do telhado, anjos representam os tantos filhos de meus avós, que não conheceram a luz do dia.

Não quero dar a última palavra. Lembro apenas que a corça é um animal de pequena estatura, arisco e de costume migratório. E não suporta o confinamento. É um animal de olfato privilegiado que lhe possibilita sentir cheiro de água a quilômetros de distância. Assim, a maresia me chama. Volto à rampa, que já é a outra, a simbólica na concepção da artesã.

Conceção exausta, ainda capaz de perceber, metros abaixo da superfície, a existência de um lençol de água, passo suavemente os dedos sobre o azul concreto da peça, e sinto a umidade do tempo que escorre. Não quero dar a última palavra. Nenhuma explicação. Apenas navego...